

**Feminismos Globais
Estudos de caso comparados
de Mulheres Militantes e Intelectuais**

BRASIL

Marilda de Souza Francisco

Entrevistadora: Sueann Caulfield

**Angra dos Reis, Brasil
17 de julho de 2014**

**University of Michigan
Institute for Research on Women and Gender
1136 Lane Hall Ann Arbor, MI 48109-1290
Tel: (734) 764-9537**

**E-mail: um.gfp@umich.edu
Website: <http://www.umich.edu/~glblfem>**

© Regents of the University of Michigan, 2015

Marilda de Souza nasceu em 1962 no Bracuí, em Angra dos Reis, município localizado no litoral sul do estado do Rio de Janeiro. Ela cresceu na comunidade quilombola de Santa Rita do Bracuí e, após alfabetizar-se por conta própria, completou o Ensino Médio. Ela sempre participou ativamente da vida comunitária (em associações de moradores, por exemplo) e trabalhou em escola pública de Angra por vários anos. Atualmente, Marilda é uma das lideranças do Quilombo do Bracuí, onde ela mora com seu marido e dois filhos.

Sueann Caulfield é Professora Associada do Departamento de História da Universidade de Michigan. Foi diretora do Center for *Latin American and Caribbean Studies* (LACS) (1999-2004) e atualmente dirige o *Brazil Initiative Social Science Cluster*. É especialista em história do Brasil contemporâneo, com ênfase em gênero e sexualidade. Ela recebeu vários prêmios e bolsas da *Fullbright Commission*, *National Endowment for the Humanities*, e *American Council of Learned Societies*. É autora de, entre outros, o livro *Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*, *Honor, Status and the Law in Modern Latin American History* (organizado em co-autoria com Sarah Chambers e Lara Putnam), e vários artigos sobre gênero e historiografia, e direito de família, raça e sexualidade no Brasil. Sua pesquisa atual versa sobre história da família, com particular ênfase na história da paternidade e legitimidade no Brasil do século XX. Ela é particularmente interessada no tema dos direitos humanos na América Latina, e vem participando de uma série de workshops, projetos transnacionais de ensino e intercâmbios sobre temas como justiça e ação social.

O **Projeto Global Feminisms**, localizado na Universidade de Michigan, foi iniciado em 2002 a partir de um financiamento para projetos interdisciplinares em parceria com instituições de outros países. O arquivo virtual inclui entrevistas com mulheres ativistas e intelectuais do Brasil, China, Índia, Nicarágua, Polônia e Estados Unidos. Nossas colaboradoras no Brasil são pesquisadoras do Laboratório de História Oral e Imagem – [Labhoi](#), da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Núcleo de História, Memória e Documento ([NUMEM](#)) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). As entrevistas no Brasil foram realizadas com apoio do *Third Century Learning Initiative at the University of Michigan* e, no Brasil, da FAPERJ e do CNPq.

Sueann Caulfield: Estou falando aqui com a Marilda de Souza Francisco, que é a coordenadora de educação da Associação Remanescente Quilombola de Santa Rita de Bracuí, que é o lugar onde a gente está.

Marilda de Souza Francisco: Angra dos Reis.

SC: Angra dos Reis, Brasil. Então para começar eu queria perguntar a você, ou pedir para você explicar um pouco de que se trata esse movimento, e há quanto tempo você está trabalhando nesse movimento?

MSF: Então, apesar de nós sermos descendentes de negros escravizados, antes a gente só se considerava assim, uma comunidade rural negra, tá? Aí, depois de 2000, 1999, por aí assim, essas comunidades passaram a ser vistas como comunidades quilombolas, de quilombo. Toda comunidade que foi deixada por aqueles senhores de escravos, e se ainda tinham pessoas morando no lugar, tinha resquício de reminiscência, que quer dizer aquelas construções antigas, então ali também, essas comunidades iam passar a ser chamadas de quilombo. Então, aí nós fomos procurados, pelas pessoas do Rio [de Janeiro], do governo federal, e se a gente queria formar aqui uma comunidade de quilombo. Aí na primeira vez foram umas pessoas representando lá para o Rio, e depois parou um tempo, aí nós, depois nós formamos a associação. Então eu estou desde o começo da associação, que eu não me lembro assim muito bem a data não, mas acho que foi 2000, por aí assim. Aí, e eu sempre, como eu gosto muito da educação, eu sempre estive na parte da educação, né. Para mim educação é tudo né, então eu sempre atuei aí nessa parte da educação, porque eu faço essa ponte, as escolas que vêm, as faculdades, e tudo, geralmente me procuram para estar passando esses conhecimentos. E eu sempre tive uma facilidade de falar, contar história, essas coisas assim, então eu sou muito procurada para estar passando essas histórias que aconteceram aqui, que através do meu pai, ele contava, história oral, essas coisas assim, então, como eu digo, eu dizia, que tenho um memória de elefante, né, rs, por lembrar das coisas. Então eu passei a contar essas histórias, aí o povo gostou de ouvir né, vou falar que a história é assim, tem que haver o que gosta de contar e o que gosta de ouvir né, rs, não tendo os dois não funciona.

SC: Então, você diz que você começou a trabalhar com o movimento quilombola desde 2003...

MSF: É, 2002, 2003, por aí.

SC: Então você diz que tem que combinar quem quer contar história com a história que a pessoa quer ouvir, então essas histórias da comunidade que você sabe, por parte do seu pai, porque você tem esse dom, começam a ser valorizadas a partir da criação desse movimento ou você já era, já contava história?

MSF: Também. É, na verdade eu comecei a descobrir que essas histórias tinham um valor para a educação, porque eu trabalho na escola, eu sou zeladora na escola, ali embaixo, na Áurea Pires da Gama, desde 92. Então, teve um projeto da escola que era 'Descobrimos as histórias locais', então a diretora chegou pra mim, e falou, a diretora Elisa, não tem problema falar o nome dela, ela perguntou se eu conhecia alguém que conhecia a história do local, se gostava de contar, porque às vezes as pessoas conhecem, mas não gostam de

passar né. Aí eu falei 'conheço', aí nós saímos pelas casas aí das pessoas mais velhas, que a gente aqui chama de griô, para ouvir essas histórias para passar para as crianças, né, para as crianças ouvirem, e essa história ia ser transformada em um livro.

SC: Quando foi publicado?

MSF: É, eu não sei se foi em 96, 97, por aí assim.

SC: Você tem o livro?

Marilda: Está emprestado (rios) está emprestado meu livro para uma pessoa que ainda não me devolveu. Aí ela pegou e a gente saiu assim né, porque eu moro aqui, então saímos para procurar as pessoas para contar história, aí fomos no seu Adriano, no seu Manoel Moraes, pessoas mais velhas, Dona Joana, que já faleceu, e aí eu falei assim 'mas eu também sei essas histórias, né?'. Meu pai, apesar de já ter falecido, eu falei assim 'mas meu pai contava muito essas histórias também' e eu sempre gostei de ouvir né, sentava na beira do fogão, à noite, aqui não tinha luz, aqui não tinha televisão, não tinha nada, e meu pai gostava de contar as histórias, então aí eu passei a contar também, lá na escola. E então foi onde eu descobri que eu lembrava também de várias coisas, de várias histórias que meu pai contava, a minha irmã mais velha, até minha mãe, minha mãe não era muito não, mas ela contava também, e aí a gente foi fazendo um apanhando de tudo isso, e foi transformando em livro, que tinha "Bracuí, sua luta e sua história", era o título do livro, depois veio o segundo livro "Bracuí, conhecer para amar", e aí foi onde...

SC: Quais eram as datas que saíram os livros, que ano saiu? Foi no final dos anos 90?

MSF: Eu sou ruim, é, 97, 96, foi por aí, de 96, 97, 98, por aí, então aí depois é que veio a associação.

SC: E você continuava trabalhando como zeladora na escola?

MSF: É, ainda continuo lá. Então, eu descobri assim, muitas histórias que meu pai contava, eu achava que era, que meu pai era muito, hoje eu digo que meu pai, se ele fosse trabalhar em teatro, novela, ele iria se sair muito bem, que meu pai era um teatral danado, rs. Eu achava que era da cabeça dele sabe, eu achava que era ele que tinha inventado, mas não era não, era história mesmo que aconteceu no local, porque várias pessoas contavam a mesma história, com outras palavras ou com outros jeitos, mas era a mesma história. Mas voltando...

SC: Então, o povo aqui estava começando a se organizar, e o estado, funcionários do estado vieram aqui conversar com os moradores e aí decidiram fazer essa associação, no início de 2000, aí chamaram você?

MSF: É, no começo não fui eu, foi o João, o Leandro meu sobrinho, que era novinho, foram só umas pessoas assim para representar, foram lá para o Rio e tudo, mas não era uma associação né.

SC: Eram homens, assim mais velhos...

MSF: É, é, para ir lá representando a comunidade aqui, aí depois nós achamos, teve que fundar mesmo uma associação, para ficar mais forte né? Aí, veio o pessoal da, esqueci o nome, (rios) que vieram, e resgatou isso tudo, e fizemos um grande encontro que foi onde foi lançado né?

SC: Vieram o que, funcionários do estado? Antropólogos?

MSF: Não, era da Bacia da Ilha Grande, fórum da Bacia da Ilha Grande, então eles tinham um projeto deles que era levantar associações que estavam acabadas, grupos de mulheres, porque às vezes tinha um grupo de mulheres que por alguma coisa acabou, porque tinham muitos lugares aqui que tinham grupo de mães, às vezes era da igreja, às vezes não, então esses grupos às vezes acabavam, então esse fórum da Bacia da Ilha Grande fez um apanhado disso, e nisso eles descobriram que aqui tinha assim, começado uma coisa de associação, ou de umas pessoas que queriam fazer uma associação mas acabou né, não foi pra frente, a associação de quilombo. Aí eles vieram, conversaram com a gente, chamaram algumas pessoas, aí fomos na época eu, o João, Walmir, e mais algumas outras pessoas, acho que a Rita, uma porção de gente, aí conversaram com a gente. E decidimos 'vamos então fundar, fazer essa associação de quilombo'. Aí fizemos um encontro grande lá na igreja, aí veio bastante gente, aí eles explicaram né, como é que seria, aí as pessoas deram o nome para entrar na associação, alguns outros assinaram o livro, confirmando que ali estava nascendo uma associação, e depois foi desenrolando, aí tivemos que aprender como funciona uma associação, fazer o diagnóstico, tudo isso, a gente teve muitas reuniões mesmo né, para poder cadastrar a associação, fazer CNPJ, essas coisas assim, tudo na lei, todas essas coisas aí.

SC: Então o objetivo principal é qual, da associação?

MSF: É resgatar, é pegar o título da terra.

SC: Título coletivo, da comunidade toda, dessa terra toda.

MSF: Quilombola.

SC: Sim, que foi deixado no testamento do século XIX, então tentar conseguir resgatar toda essa área.

MSF: Toda essa área, então o foco mesmo é conseguir a titularização, nós somos só certificados, temos a certidão de que realmente essas terras o dono deixou para os negros que já não estavam mais escravizados, que eram livres, e para os seus descendentes. Mas como a especulação imobiliária veio abafando tudo né, e então a nossa luta continua sendo pela conquista da terra, ainda né, e o fortalecimento da comunidade, das pessoas né, tipo educação mesmo, a autoestima, porque nós negros temos muita baixa estima, pelo o que aconteceu né, nos tempos passados, então a baixo estima... Aí veio faculdade, negro pode se formar, e tudo isso né, então é levantar mesmo essa autoestima e a titularização.

SC: E, quanto à autoestima, isso vem ao outro tema de você enquanto mulher dentro da comunidade - você chegou a ter essa posição de reconhecimento pela sua sabedoria, o que você sabe sobre as histórias da comunidade, e a sua atuação dentro

da associação. Você sente uma diferenciação entre você, enquanto mulher, das outras mulheres e dos homens na associação, tem alguma diferença ao longo do tempo quanto à participação da mulher e liderança mesmo da mulher e liderança dos homens?

MSF: Ah tem, porque aqui a gente era considerado assim: mulher tem que saber, só saber lavar, passar, cuidar dos filhos, cuidar da casa, e não precisava mais, não precisava mais, bastava isso para a mulher. Ou então ser doméstica, ir trabalhar na casa das pessoas que têm mais dinheiro, e pronto. Pra quê estudar? O pessoal, eu via enquanto eu crescia, eu via muito o pessoal falar isso, 'ah, pra quê estudar? se você vai trabalhar mesmo de doméstica, ou vai casar, ter filho, ficar em casa só fazendo as coisas, não precisa estudar, né?'. Então, geralmente as famílias botavam era os filhos homens na escola, as mulheres não botavam, isso aconteceu com a minha mãe. A minha mãe não era casada, mas ela dizia que eu tinha que estudar para escrever cartas para a filha dela que morava no Rio, então eu tinha que aprender a ler e a escrever porque ela tinha mandar, escrever carta, porque minha mãe era analfabeta, o pai dela não colocou ela na escola, e aqui não tinha escola também, era muito difícil, mas para a escola que tinha só iam os meninos.

SC: Isso foi em que época? A sua infância, foram os anos 70? 80?

MSF: Ah, eu sou de 62, então [a época] da minha mãe já foi mais pra lá né, mas em 62, 65, 70, é quase 70 né? Eu já devia estar com 8 anos, por aí assim, ou 12, então era isso que a gente ouvia né, que as mulheres eram só para trabalhar, casar, ter filho, e aprender a fazer as coisas em casa, que era para o marido não bater na cara né, chamar de porca, de não saber fazer as coisas, cozinhar, rs, hoje eu até acho graça disso. Então, eles eram muito assim né, achavam que mulher era só pra isso e estava bom, então, e muitas mulheres aceitavam né, e era assim que ficava, continuava...

SC: Você depois de se alfabetizar, para escrever as cartas para a sua mãe, você continuou estudando?

MSF: Aí eu parei né, eu fiz até metade do ensino médio, mas não foi porque minha mãe falou que era pra parar, ou alguma coisa não, era porque por necessidade mesmo a gente ou estudava ou trabalhava né, porque aqui era muito difícil de ir para escola. Hoje tem ônibus, criança vai de ônibus, mas antes não tinha não, a escola era só lá no centro da cidade, principalmente o ensino médio, que não era ensino médio, era segundo grau na época, então o segundo grau era lá no centro da cidade. Então não dava pra você trabalhar de dia e estudar à noite, ou ficava, se fizesse isso tinha que ficar lá no centro da cidade, porque depois subir isso daqui tudinho, sozinha, não dava certo, porque a maioria das pessoas não estudavam mais e também, condução mesmo, naquela época não tinha abundância de ônibus pra lá e pra cá, era muito pouco. Então você escolhia: ou você continuava estudando, e tinha que ficar lá no centro da cidade na casa de alguém, de algum conhecido, alguma coisa ou parava e ia só trabalhar mesmo né, como no meu caso eu fui até o ensino médio, a metade...

SC: Então você tinha uns 15, 16 anos?

MSF: Não, já tinha 18.

SC: Ah, 18.

MSF: Já tinha 18 anos já, então eu fui alfabetizada com 10 anos, e daí eu não parei mais, nem repeti série, fui ser alfabetizada e fui direito, até parar, eu não fui aquela pessoa de repetir série, assim.

SC: Você foi trabalhar de que então, quando saiu?

MSF: Doméstica.

SC: Onde?

MSF: Em Angra.

SC: Em Angra?

MSF: Sim, só que chegou lá eu não tinha tempo de parar para estudar, porque eu além de trabalhar de doméstica, na cozinha, limpando a casa, ainda tomava conta das crianças da moça ainda, então não dava tempo de estudar não. Mas eu sempre fui uma pessoa assim, voltada para as coisas ao meu redor, eu sempre gostei de estar nas reuniões de associação de moradores, eu...

SC: Tinha aqui associação de moradores, isso antes?

MSF: Tinha, tinha associação de moradores, não era a do quilombo não. Então eu sempre gostava de estar na associação ouvindo, eu também era da igreja, da igreja católica, e também participava de reunião de grupo jovem, eu ia para outro estado, assim, não estado não, sempre no estado do Rio, mas para outra cidade, né, representando o jovem aqui, às vezes em algum lugar representando a própria igreja, e fui liderança algumas vezes de alguma coisa na igreja... Então, como eu digo, às vezes eu fico pensando, tem pessoas aí que ficam tão... só olhando para o próprio umbigo, rs, às vezes, eu vou te falar uma coisa, não é me gabando não, mas eu fico chateada quando eu vou falar um assunto que está acontecendo mundialmente ou só aqui na região, que eu vou falar com a pessoa 'você viu....?', e ela diz 'ahn, é o que?'... 'Poxa, você não sabe disso que está acontecendo assim assim, com fulano de tal, ou no mundo, ou no estado do Rio, ou em Angra dos Reis?', 'ah, está? ahn?'. Aí eu fico assim 'uai, tá aonde? em que planeta você está?'... 'não, não sabia não..'. Aí você vai falar da roupa: 'ah porque eu comprei uma calça que, já vi aquela moda assim, assim, já vi aquele não sei o que, olha fulano comprou tal coisa'... Aí eu é que fico 'ahn? comprou?', rs, ai gente, ficam assim 'você viu??? fulano comprou uma moto, fulano comprou um carro, viu a torradeira que fulano comprou? de última geração minha filha..' rrsrs. Porque que eu acho assim, que as pessoas têm que... nem todo mundo, mas tem gente que fica só assim, aí eu falo 'você viu que na escola chegou um professor tal assim, assim, pro seu filho?', 'ah tá, teve?'. 'Você viu que teve uma reunião para arrumar o posto de saúde?'. 'Teve? Está precisando arrumar mesmo!', rs. Então, só rindo mesmo né, porque não estão interessados, aí, fala 'ah, fulano não faz nada, o prefeito não faz nada, o vereador não faz nada...'. Mas aí você chama: 'Oh, vai ter uma reunião no CEIA, para estar discutindo isto, você vai?'. 'Ah, não gosto de reunião! Eu ir pra lá pra ver aquele montão de gente falando?! Bobeira, bobeira, bobeira não gosto'. Eu falo assim: 'gente, a gente tem que

participar, a gente tem que estar junto, a gente tem que ir lá e buscar o que a gente quer, os governantes, ou sei lá quem não vai trazer aqui se a gente não se organizar e ir lá'. E então é essa, é essa a grande distância assim de, sei lá, dos que pensam, sei lá, tem hora que eu acho que a minha cabeça fica voando muito. (Rios.)

SC: (Rios.) Mas é isso mesmo.

MSF: Porque eu, eu se eu quero, vou dizer para você, se eu quero a melhoria, eu não quero a melhoria só para mim, eu quero a melhoria para todos ao meu redor.

SC: Mas então você começou dizendo que, eu perguntei se você acha que mudou a situação, a condição da mulher enquanto liderança no movimento, você falou que acha que sim, porque antes todo mundo achava que a mulher só servia para ficar dentro de casa, cozinhar, etc, mas agora mudou. Por que você acha que mudou, e como mudou?

MSF: Ah, mudou porque muitas mulheres não ficaram mais de braços cruzados né, só pensando que o pai ou o marido que mandava né, ou que manda, que exige né, ou esperando eles trazerem né. As mulheres vão buscar também, vão atrás. Custa mais pra nós? Custa, porque nós ficamos com tripla responsabilidade, ficamos com a responsabilidade de estudar, de trabalhar, de cuidar dos filhos, de cuidar da casa, ainda cuidar do marido né, tudo isso, então às vezes uma coisa fica pendendo, né? Fica meio que, rs, mas mesmo assim não ficamos sentadas, não ficamos esperando, eu falo isso... a minha irmã, minha irmã mais velha, a Celina, nossa, ela é uma lutadora também, ela quando viu a...

SC: Nas mesmas organizações que você?

MSF: É, a minha irmã era a capeloa aqui do lugar, capeloa é aquela pessoa da igreja que reza, que faz as coisas assim. E ela é um berço de cultura também, então ela dizia: 'gente, a gente não pode ficar sentada esperando as coisas caírem do céu não, a gente tem que ir à luta, a gente tem que buscar, tem que reivindicar'. Então eu aprendi muito com ela, né, com a minha mãe também, a minha mãe tinha a nós, mas ela trabalhava na roça, ela trabalhava para um, para outro, mas ela não era alfabetizada, mas ela trabalhava, ia buscar as coisas no mato, para pegar, para dar pra gente para comer, então ela dizia: 'Oh, quem fica parado é pedra', né? E até a pedra, quando a água vem, tira ela do lugar, então a gente não pode ficar parado não. E aí, por isso eu vejo, se você for olhar, se você for pegar uma ata de associação, seja de quilombo, ou a de antes que é a associação de bairro, está lá a presidente mulher, né?

SC: Desde que época?

MSF: Eu já estou falando assim bem antes da associação, aí tinha a Terezinha, tinha outra prima minha aqui embaixo também que era da associação, tinham várias mulheres que estavam já à frente de alguma coisa, aqui no Bracuí né, então.

SC: E como você explica por que eram muito proeminentes as mulheres no movimento?, Por que você acha que tinham tantas mulheres?

MSF: Ah, porque os homens saíam para trabalhar, né, iam para o serviço, em Furnas, Verome, quem que ia resolver os problemas aqui dentro do bairro? As mulheres, né? As mulheres que tinham que ir na frente para estar resolvendo os problemas no bairro. Agora eu vou te dizer: quando chega para ir para o meio político, aí não vai mulher não, muito pouca.

SC: Mas, quer dizer, isso é político, trabalhar com associação, coisa do bairro.

MSF: Sim, sim, isso é política, mas quando passa a ser política partidária, isso são bem poucas as que vão, e as que são aceitas ainda. Porque eu vejo assim, muitas pessoas se candidatam a ser uma política, e o pessoal fala assim 'eu não vou votar em mulher.' rs.

SC: Então na certa a Dilma não teve muita votação por parte dos homens aqui.

MSF: Mesmo assim, acho que não, muita gente diz 'eu não vou votar em mulher' .

SC: Mesmo que gostassem do partido, alguma coisa assim?

MSF: É, é, o pessoal, os homens dizem assim 'pra quê que eu vou votar em mulher? Mulher vai gastar o dinheiro da prefeitura todinho com sapato, com roupa,..' rs. Aí eu falo assim 'santa ignorância, meu deus do céu', rs. 'Mulher não sabe resolver nada, que não sei o que...' ou então, quando eles votam, igual a nossa prefeita né, a nossa prefeita foi professora de português, muita gente, homens aqui falavam assim 'eu vou votar nela porque tem o Leandro Silva como vice.'

SC: Já focalizando isso, quando você diz muita gente, muitos homens? Ou muitos homens, e também mulheres pensam assim?

MSF: Muitos homens e algumas mulheres também. Eu falo assim, porque o que eu vejo: eu aceito a força da mulher, eu sei que a mulher é forte, que a mulher vai para a luta, é até mais destemida do que o homem, né, fala a rodo mesmo, e não fica com enrolação, se tiver que xingar, xinga, se tiver que falar, mas na hora de que eles acham assim, pra agir, aí eles acham que mulher não age, sei lá, eu fico assim meio pensando nisso. Tô falando muito? rs.

SC: (Rios.) Mas quando você falou que, quando eu perguntei por que as coisas mudaram, por que as mulheres estão saindo mais do lugar de submissa, de ficar só em casa, você falou que elas vão para a luta, vão liderar os movimentos de bairro, essa associação que você está envolvida também tem muitas outras mulheres, lideranças, e que esse fato vai modificando a perspectiva que as pessoas têm sobre o papel da mulher. Então, você também acha que as mulheres que estão, você por exemplo, e outras que estão na associação, quando estão tentando melhorar a autoestima que você falou do negro e das pessoas da comunidade, isso inclui falar sobre o papel da mulher, assuntos que são relacionados especificamente às relações entre mulheres e homens, ou não? Ou seja: parte da luta tem a ver com opressão específica sobre a mulher? Ou é muito mais geral?

MSF: Não, eu não acho que tem opressão não, eu acho que as mulheres... é porque as mulheres também se lançam mais no estudo né, a mulher vai buscar mais estudar né?

Então, eu vou te dizer, assim, os homens, aqui eu fico notando, os homens no quilombo eles parecem que estacionaram, assim, no objetivo de buscar estudo mesmo, mas, assim, eles parecem que deram uma estacionada, enquanto as mulheres estão subindo mais degraus em procurar estudar mais. Então quando a mulher procura estudar mais, e procura mais conhecimento, geralmente, como eu falei, ela tem que se virar nos 30 para dar conta da casa, ou essa parte fica um pouco abandonada e os homens não entendem isso, né, por eles terem estacionado, parece, eles não entendem essa busca das mulheres né? Eu não sei se eu estou te respondendo o que você me perguntou direito.

SC: Está sim.

MSF: Então às vezes os filhos sofrem, ou alguma coisa assim, mas eu fico observando que é toda essa busca do se autoafirmar, a mulher, saber onde chegar, saber se impor, saber conversar, né. E os homens quase que ficaram mais ali no quebra pedra mesmo.

SC: E você como pessoa responsável pela educação, e por formar novas lideranças, eu imagino que é isso quando você diz que é coordenadora da educação na associação, você fala sobre esse aspecto da autoestima? O aspecto de mulher ser respeitada e mulher poder se educar e subir, essa é a parte do trabalho?

MSF: Essa é a parte do trabalho. Hoje eu vejo assim, olha, você falou, se formaram aqui, foram para a [Universidade Federal] Rural, 3 meninas e um menino. Foi a Angélica, a Fabiana e a Luciana, para fazer faculdade, e só o meu filho de menino,

SC: Ah, eu não sabia que era o seu filho.

MSF: É, só o meu filho de menino. Os outros meninos... a gente foi buscar, fazer pesquisa, sobre quem tinha terminado o ensino médio, a maioria dos meninos não terminaram., Muitas meninas não foram para a faculdade porque não quiseram, porque estavam trabalhando, não queriam largar o serviço, outras porque, até já formadas, professoras, tinham filhos, na época não podiam vir pra casa, não podiam deixar os filhos... Mas a gente achou muito mais mulheres com o ensino médio completo, do que meninos. Aqueles meninos que a gente achava que tinham terminado o ensino médio, não tinham, trancou, ou parou, igual no meu caso, antes, parou para trabalhar, então, não teve muito menino para estar indo para a faculdade. Bem antes disso, nós tivemos um curso aqui, que até a Martha [Abreu] que estava de cabeça, era um pré-vestibular pra gente., Ia vir professores de todas as áreas para dar o vestibular para os quilombolas. Estou eu de novo aí nessa história, saio procurando pessoas para fazer o pré-vestibular, mas teria que ter pelo menos terminado o fundamental, né? Ou o ensino médio, ou estar cursando o ensino médio. Acharmos poucas pessoas, muito pouco, então essas pessoas, eu falei assim 'Martha, eu quero estar no pré-vestibular, e já que eu quero e algumas pessoas também, vamos abrir para outras pessoas, não vamos colocar só para quilombolas não, vamos fazer pra todo mundo, para quem quiser fazer o pré-vestibular.' Aí a Martha concordou, nós abrimos para todas as pessoas virem fazer o pré-vestibular. Aí veio gente até lá da Mambucaba histórica, conhecidos de Angra, para estar fazendo o pré-vestibular, de graça né? Só que, teve um problema aí, rs, o pré-vestibular murchou, porque nessa época aí eu tive que passar aí da liderança porque minha filha ficou doente, aí botei outra pessoa e a pessoa não tocou para frente.

SC: Ah, que pena, que pena.

MSF: E então né, estamos aí, fazendo isso, outra coisa: Brasil Foundation, em 2011, 2010, não, foi em 2012, mandou que a gente fizesse um levantamento de pessoas que ainda não tinham terminado o fundamental, e pessoas que não terminaram, quer dizer, que não terminou o ensino médio e pessoas analfabetas, ou que queriam terminar o fundamental, essas coisas assim. Aí eu falei assim 'Não, analfabeto não deve ter mais aqui no Bracuí não, como? Tem escola ali, a escola tem aula dia e noite, tem EJA, tem..'... Aaí saímos eu e a Sandra, que é minha cunhada, que é professora, ela ia ser a professora dessas pessoas, do fundamental, procurar, achamos muitos analfabetos, muitas pessoas analfabetas. 'Como que você não sabe ler e escrever? Hoje a aula está gratuita pra todo mundo..'. 'Ah, mas eu não vou para uma sala de aula, entrar no primeiro ano, com essa minha idade para os outros dizerem que eu não sei ler e escrever'. Mas gente, nós ficamos assim 'ó': 'ahn??!!'. 'Não, eu não vou', aí a pessoa que tinha só até a terceira série, que hoje é o segundo ano né, mas antes era a terceira série, a pessoa que só tinha a terceira série: 'você não quer terminar?', 'não, eu não vou terminar, não vou entrar em uma sala, tem gente que já está no quinto ano, eu vou lá entrar na terceira série?'. Aí tá, era pra formar uma turma aqui na Igreja de Santa Rita de pessoas que só sabem escrever o nome, ou pessoas que são analfabetas de vez. Fomos, aí o pessoal, com tudo, dando os materiais, não quiseram, achavam muito difícil vir pra escola, para estudar, essas coisas assim. E a outra turma era de pessoas que já estavam, que tinham assim até a oitava série, sexto ano, mas essa pessoa ia ter um curso aos sábados, essas pessoas iam ter um curso aos sábados, ou de negócio de roça mesmo, de horta, ou fazer artesanato, não, esqueci o nome..

SC: Trabalhos técnicos?

MSF: É, alguma coisa assim, aí não quiseram, por causa de serviço, que não sei o que, que tinha que trabalhar, aí não deu. Aí eu sei que a Sandra ficou só uns dois meses dando aula, o pessoal foi saindo, foi saindo, tiveram que parar. Encontramos pessoas que sabem ler, que a gente dizia assim: 'deve ter oitava série, nono ano, ensino médio..,' Não, só tem o primeiro ano, mas lê maravilhosamente bem, tudo certo, 'ah porque eu pratico'. 'Mas meu filho por que que você não terminar?', 'Não, eu não vou entrar em sala de aula não.', mas pratica, então aprende e continua. Então você vê, e quem está na frente disso tudo, buscando isso tudo? Mulheres. Somos nós mulheres que vamos atrás, que vamos nas casas, que batemos lá: 'fulano, você quer estudar?' Se quer, se não quer, né. Nessa campanha tinha até óculos de graça. A minha irmã fez, acho até que ela só foi lá pra ganhar o óculos e foi embora. (Rios.)

SC: Ia lá estudar para ganhar óculos. (Rios.)

MSF: (Rios.) Então para as pessoas assim, de idade, que precisassem de óculos, né, tinham o óculos de graça, pra levar no oftalmo e fazer o óculos, essas coisas assim, ou pessoas que já tinham óculos para levar e fazer de novo, sei lá, uma coisa assim, e então, quem está a frente? São mulheres!

SC: Então, eu estou vendo que a gente precisa terminar, rs, mas eu tinha então, aquela última pergunta que eu falei, se você é feminista e o que você entende como feminismo?

MSF: Pra nós, feminista, quando chegou aqui, na nossa área assim, nossa, era uma coisa muito horrível, né? Feminista era aquela mulher que não queria saber da casa, só estava lá levantando bandeira, e 'fora não sei o quê' e só queria estar em movimento, e os homens até diziam 'feminista bate até em homem', mulher feminista. Então a gente via a coisa das mulheres fortonas né, que não gostavam de homem, então essa a era a visão do feminismo no Brasil, no Brasil não, não sei no Brasil todo, mas aqui era, que rasgava os sutiãs, jogava os sutiãs fora, 'não uso mais sutiã, que não sei o quê, que sutiã é símbolo de mulher', então né, era muito visto assim. O pessoal até falava mesmo, 'ei você, se vocês continuarem assim, vai terminar igual a essas mulheres aí oh, é uma feminista né, que sai e larga a casa, larga a família, e vai para essas lutas, e vai para essas lutas aí da vida'. Depois, a gente já engajada no movimento né, todos os movimentos a gente estava, 'fora prefeito' (rios).

SC: Isso foi quando?

MSF: Ah, eu participava muito quando eu era jovem né, assim, então deve ter, foi em 80, 80 e pouco, a gente saía por aí assim. Então eu vi que feminismo não é isso não, então eu sou feminista, porque eu luto por aquilo que eu quero né, eu vou buscar, então, eu sou um feminismo diferente, porque na visão que me passaram das feministas, não parece não, eu ia lá, se era para estar numa reunião porque o prefeito não estava fazendo alguma coisa, eu estava lá, se a gente queria 'ah o prefeito tem que fazer isso', então eu vou! Quando veio a luz, a gente queria luz, a gente foi lá brigar que queria luz, né? Botou a luz, a gente já foi ao contrário, não quer o asfalto, então, mas eu não fui porque eu estava com outro problema em casa, mas eu estava lá querendo também bater tambor para o asfalto não vir, a gente era diferente, né, rs. Então, se a palavra feminista é de reivindicação, é de buscar o bem comum para todos, então eu sou uma feminista porque o que eu quero pra mim, eu quero para os outros, e como a gente, para a gente a gente só deseja coisa boa, então eu vou querer coisa boa para as pessoas também, né. Apesar de que às vezes o jeito que eu vejo a coisa boa pra mim, os outros não veem né? Tem gente que diz que coisa boa é o lugar que você mora, tem a sua casa murada, o esgoto correndo na rua, mas se a sua casa tá murada, ladrilhada, todo, isso que é bom. Eu não, eu já gosto assim mesmo: não ter muro, todo mundo entra, passa, olha, rs, 'ô, seu danado você pegou meu cacau!!', rs, é assim mesmo, que às vezes a gente fica aqui brigando com as crianças, 'pegaram a minha laranja!!', rs, mas eu estou interagindo com as coisas. Mas agora, a pessoa se esconder atrás de um muro, faz um muro maior do que esse pé de abacate aí, se acha bem, então isso a gente bate de frente né. Eu gosto da minha casa sem muro, sem cerca, a gente bota cerca por causa do cavalo do povo. Mas então esse é o meu jeito de ver. Gosto da natureza, mas também eu gosto de ir para a cidade, né, então, desde que eu vá à cidade e volte pra cá né, rs.

SC: Marilda, muitíssimo obrigada, adorei, foi muito bom.

MSF: Não sei se eu respondi tudo o que você queria.

SC: Respondeu sim! Muito obrigada!!

MSF: De nada!!